

# “A turma aqui gosta de ganhar”: representações sobre a pesca amadora embarcada no Iate Clube do Espírito Santo

Ricardo Aguirre Guimarães

Letícia Dias Fantinel

## INTRODUÇÃO

A pesca é uma atividade praticada desde os princípios da humanidade com objetivos de sobrevivência e subsistência. Diversos estudos vêm sendo feitos acerca da pesca artesanal, bem como em comunidades de pescadores ou nas denominadas sociedades pesqueiras (MALDONADO, 1993; MALDONADO; SANTOS; ARANTES, 2010; TRIGUEIRO; KNOX, 2013, entre outros). Já a prática da pesca com o



intuito de lazer e esporte é um fenômeno mais recente, também recente em termos de análises e pesquisas relacionadas (BASAGLIA; VIEIRA, 2005).

O cenário econômico no mundo contemporâneo indica que o setor náutico de esporte e lazer no Brasil tem tendência a crescer (SEBRAE, 2012). Atualmente, segundo o Plano Nacional de Desenvolvimento da Pesca Amadora, executado pelo Governo Federal, tal prática pode ser classificada em comercial ou profissional, bem como em esportiva ou amadora e de subsistência. Essas categorias variam conforme o perfil socioeconômico e cultural dos pescadores, recursos financeiros aplicados à embarcação utilizada, equipamentos de pesca empregados na captura do pescado e, principalmente, a motivação ou objetivo da pesca (NETTO; MATEUS, 2009).

A pesca amadora embarcada é caracterizada pelo emprego de uma embarcação para se deslocar até pesqueiros<sup>1</sup> que podem estar a distâncias variadas dos pontos de partida da embarcação. A principal diferenciação da pesca amadora para os demais tipos de pesca é o intuito não comercial desta, isto é, os peixes que são capturados por praticantes dessa categoria de atividade pesqueira não podem ser comercializados (BRASIL, 2010).

---

<sup>1</sup> Pesqueiros são locais previamente conhecidos onde existe a maior probabilidade de se capturarem peixes.

A relevância da pesca amadora fica clara ao estimar-se que, no Brasil, existem aproximadamente 25 milhões de pescadores ocasionais (SCHORK; MOTTOLA; SILVA, 2010). Nesse contexto, o Espírito Santo se coloca como um dos principais polos atrativos de turistas que buscam lazer e desporto através da pesca amadora embarcada. No Estado, a prática predominante é a pesca de mar azul, que consiste em pesqueiros mais afastados da costa e com profundidades acima de 20 metros. O Espírito Santo tem tradição nos campeonatos e recordes dos chamados peixes de bico, principalmente o marlim branco e o azul, e é considerado um dos melhores locais para a pesca de oceano por conta da proximidade da plataforma continental.

Os pescadores amadores que praticam a pesca embarcada e residem na cidade de Vitória têm como principal ponto de guarda de embarcações e local de sociabilidade o Iate Clube do Espírito Santo. O local é referência também em termos de organização de campeonatos de pesca e centralização de escolinhas de outros esportes aquáticos (iatismo e natação, por exemplo).

Dentro desse contexto, o presente estudo tem como foco a investigação de aspectos simbólicos relacionados à prática da pesca amadora, a partir da seguinte questão de pesquisa: como se expressam as representações sociais de praticantes de pesca amadora embarcada entre sócios do Iate Clube do

Espírito Santo a partir de suas experiências em tal prática? Através deste estudo, portanto, pretende-se compreender os significados produzidos e reproduzidos a partir da prática em questão.

Na busca por revelar os significados construídos e reconstruídos cotidianamente, tem-se por objetivo estudar as organizações “como elas acontecem” (SCHATZKI, 2006, p. 1863). Logo, entende-se aqui o cotidiano como fonte essencial de tais ressignificações, campo no qual a realidade constitui-se e reconstitui-se de forma dinâmica e em processos contínuos (BERGER; LUCKMANN, 1998).

Nesse sentido, cabe destacar que este artigo parte de uma concepção da organização como verbo – o *organizing* – e não substantivo, de modo a considerar a organização como um processo dinâmico e em contínua transformação (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005), de maneira a desnaturalizar o fenômeno. Dessa forma, nesse tipo de análise, é comum que se encontre uma aproximação com a ideia de prática, o que vem possibilitando a ênfase em interações sociais, elementos mentais, elementos corporais, tradição, criatividade, entre outros elementos (OLIVEIRA; BULGACOV; CANHADA, 2011).

Destarte, interessa-nos a compreensão das representações associadas à pesca em si, sua prática e interações relacionadas a ela, uma vez que os sujeitos

pesquisados, na condição de sócios ou frequentadores, participam ativamente do processo cotidiano que é a construção da realidade organizacional no ICES. Ao ampliar a noção de organização, e entender que as interações cotidianas condicionam e permeiam a produção da realidade organizacional, partimos da noção de representação social para captar homogeneidades e heterogeneidades circulantes entre determinados membros da organização, de forma que possamos compreender melhor o cotidiano desses sujeitos e da própria organização.

Assim, espera-se que as contribuições desta pesquisa ocorram em duas dimensões básicas. Primeiramente, pretende-se evidenciar significados dessa prática ainda pouco abordada, conforme destacado anteriormente. Em segundo lugar, argumenta-se que é possível que, a partir de estudos como este, as instituições que lidam com o público aqui estudado, a exemplo de empresas, clubes, associações e mesmo a esfera governamental, possam investir e aperfeiçoar seus serviços a partir dos resultados aqui divulgados. Além disso, os achados desta pesquisa poderão também ser úteis como fonte de informação para que as instituições públicas criadoras de normas para a pesca amadora aprimorem suas políticas.

Este artigo está estruturado em cinco seções, excetuando-se esta introdução. No segundo item, é apresentado o quadro teórico definido para o desenvolvimento do estudo; posteriormente, são discutidos aspectos metodológicos inerentes à confecção da pesquisa; a quarta seção apresenta a análise e discussão dos dados e, ao final, têm-se as considerações finais do texto.

## SEPARANDO A TRALHA<sup>2</sup>: REFERENCIAL TEÓRICO BÁSICO

### Representações sociais

As representações sociais, que a partir de agora chamaremos de RS, compõem um conceito advindo da Psicologia Social, sobre o qual muito já foi escrito. O primeiro autor a abordar este arcabouço teórico, segundo Minayo (1998), foi Durkheim, ao tratar das representações coletivas. A Durkheim interessava o conhecimento popular, acima de tudo pela crença religiosa. Tais representações seriam categorias de pensamento através das quais determinada sociedade ou grupo expressaria sua realidade. Essas categorias surgem através de fatos sociais que são passíveis de observação e interpretação. Nesta concepção, é a sociedade quem pensa, e não um indivíduo; além disso, para o autor, as

---

<sup>2</sup> Jargão utilizado na pesca para denotar a escolha e preparação do material necessário à pescaria.

representações não seriam necessariamente conscientes no ponto de vista individual.

O principal teórico das RS, Serge Moscovici, fez o primeiro delineamento formal do conceito a partir da tradição sociológica, desenvolvendo uma psicossociologia do conhecimento. Moscovici (1997) concebe as representações como instâncias que intermedeiam a percepção de algo e o conceito que o sujeito dá a ele, podendo aplicar-se a um objeto não presente, de forma a prover sentido ao mesmo. O autor assevera que as RS dizem respeito ao que organiza pensamentos e significados compartilhados, como conhecimentos do senso comum, aspectos relacionados a visões de mundo, produção de consensos. Seriam, portanto, sistemas de saberes práticos que tornariam familiar e classificável o que é estranho ao sujeito.

Jodelet (1997) argumenta que as RS, na medida em que são formas de saber prático que unem um sujeito a um objeto reproduzidas em contextos de interação social, permitem a compreensão de formas de interpretação da realidade, que regem comportamentos e práticas individuais, bem como organiza condutas sociais correspondentes. O sujeito, visto como produtor e reproduzidor dos sentidos, expressa nas RS o significado atribuído a sua experiência no mundo social (JODELET, 1997), em um processo contínuo de construção e reconstrução da

realidade social através do cotidiano vivido (BERGER; LUCKMANN, 1974). Tal cotidiano pode ser compreendido como um emaranhado de significados, instituídos pela ação humana, passível de captação e interpretação (MINAYO, 1998).

Spink (1995) descreve o fenômeno das RS e relata a complexidade que provém da desconstrução, no nível teórico, da falsa dicotomia entre o individual e o coletivo. Isso significa, em sua visão, que não basta apenas focar o fenômeno no nível intraindividual ou social. É necessário entender como o pensamento individual se enraíza no social e como ambos se modificam mutuamente. Tal enfoque implica um esforço no sentido de compreender o papel das representações na orientação dos comportamentos e na comunicação, sua força enquanto sistema cognitivo de acolhimento de novas informações e, por último, entender o papel das RS nas mudanças e transformações sociais.

Para Minayo (1994), a melhor maneira de se interpretarem e identificarem RS ocorre através da linguagem, uma vez que as RS se manifestam de forma não objetiva, ou seja, estão contidas nos detalhes: comportamentos, palavras, sentimentos, e, dessa forma, se institucionalizam. A ação humana, segundo a autora, possui um significado e é passível de ser estudada, tendo papel importante na compreensão de dinâmicas sociais.

Tendo em vista o objetivo aqui proposto, em que os sujeitos pesquisados são os pescadores amadores praticantes de pesca embarcada, faz-se necessário abordar aspectos teóricos relacionados à prática da pesca, assunto tratado no próximo item.

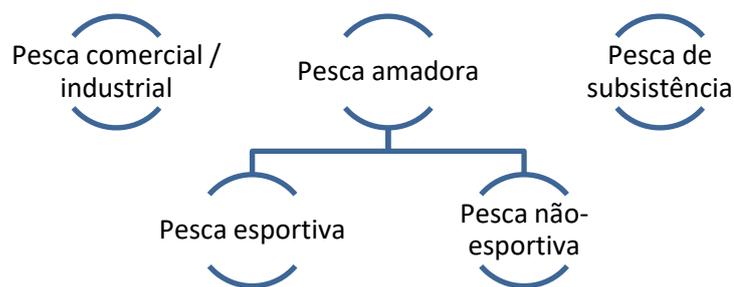
### Pesca e pescadores

A pesca está intimamente ligada ao ser humano e sua história desde tempos imemoriais. Acredita-se que, na busca por alimentação, os primeiros humanos se utilizaram do extrativismo vegetal. O segundo estágio possivelmente tenha sido a caça. Diante da dificuldade encontrada no abate de animal, o ser humano desenvolveu ferramentas e armadilhas rudimentares que lhe permitiram a obtenção de proteína animal (FABRI, 2006). Possivelmente o terceiro estágio de busca pelo alimento tenha sido a pesca, através da observação de outros animais que retiravam seus alimentos do meio líquido. Supõe-se que, inicialmente, tenha sido de maneira ocasional, ao retirar peixes de áreas alagadas. Depois, se desenvolveram técnicas para a pesca, como com o uso de anzóis primitivos confeccionados de madeira ou pedra. Os principais artefatos utilizados hoje na pesca têm sua origem milenar, como pode ser comprovado através de escavações arqueológicas – o uso do caniço, por exemplo, remete a cerca de dois mil anos antes da era cristã (FABRI, 2006). A pesca, como é feita hoje se mostra

como um desenvolvimento de técnicas milenares utilizadas por diversas civilizações na história da humanidade (BASAGLIA; VIEIRA, 2005).

A pesca, da forma como realizada contemporaneamente, pode ser classificada em algumas categorias principais, de acordo com o intuito da prática. A pesca comercial/industrial tem o intuito de comercialização do pescado. A pesca amadora, estudada neste trabalho, pode ser definida como atividade praticada com a finalidade de turismo, lazer ou desporto. Entretanto, vale ressaltar que, nessa categoria, o produto da atividade não pode ser comercializado ou industrializado. Já a pesca de subsistência, por sua vez, é exercida com objetivo de obtenção do alimento, não tendo finalidade comercial, e praticada com técnicas rudimentares (DIAS-NETO; DORNELLES, 1996). Essa classificação aparece representada na figura a seguir:

Figura 1: Tipos de pesca



Fonte: Dados da pesquisa.

Dentro da pesca amadora, ainda existem subdivisões de acordo com o local da pesca (FABRI, 2006). A pesca realizada em águas interiores, como rios, lagos e represas, é muito difundida no Brasil, que é detentor da maior bacia hidrográfica do mundo. Outro atrativo são os polos turísticos do Pantanal e do Amazonas. Esses locais comumente atraem aficionados pelo esporte para realização de viagens com o intuito da pesca e realização de campeonatos (NETO; MATEUS, 2009). Outra modalidade de pesca amadora consiste na prática da atividade em águas confinadas como baías e estuários. Existe também um fenômeno recente, denominado pesca em pesqueiros artificiais, mais conhecido como "pesque e pague", que está em crescimento. Nessa modalidade, paga-se para utilizar um pesqueiro de criadouros de peixes em águas interiores (FABRI, 2006).

Neste estudo, conforme já explicitado, procurou-se um foco específico em praticantes da pesca realizada em embarcações no mar, ou seja, a pesca embarcada, também chamada pesca de oceano. Dentro desse âmbito da prática, existem várias opções e tipos de pesca. Essas divisões se referem primeiramente a que tipo de peixe se pretende pescar. A depender do peixe cobiçado, são escolhidos diferentes equipamentos de pesca, assim como os locais mais propensos a se encontrar determinada espécie (SHORCK; MOTTOLA; SILVA, 2010).

Na pesca de oceano, os peixes mais visados em competições entre equipes de pescadores são os peixes de bico, originários do Atlântico Sul, Pacífico,

Mediterrâneo e Báltico, sendo identificados como marlins brancos, *sailfish* ou agulhão bandeira, *broadbill swordfish* ou espadarte (estes com raras capturas no Brasil) e marlins azuis do Atlântico. No estudo realizado por Arfeli, Amorim e Lopes (1994), com dados desde o ano de 1969 até 1994, o autores relatam que os peixes esportivos mais encontrados na costa brasileira compreendida entre as cidades do Rio de Janeiro e Vitória eram, à época: marlim azul, marlim branco e agulhão bandeira.

A pesca amadora embarcada de oceano no Brasil tem seu início em 1940, com os pescadores Raymundo de Castro Maya e Alberto Proença de Faria, que tiveram experiências prévias no esporte na Nova Escócia, no Canadá e em Cabo Blanco, no Peru. Os referidos pescadores iniciaram no Brasil o primeiro núcleo de pesca de oceano através da descoberta de peixes de bico na costa de Arraial do Cabo, no Rio de Janeiro. Após esses acontecimentos, outros núcleos de pesca foram se formando. Em 1975, o estado do Espírito Santo passou a receber competições de renome internacional sediadas no Iate Clube do Espírito Santo, tornando-se um dos polos de maior destaque, por conta da maior oferta de peixes visados pelo esporte e da proximidade da plataforma continental (FABRI, 2006).

Em âmbito nacional, a pesca amadora é regulada principalmente pelo Ministério da Pesca e Aquicultura (criado em junho de 2010), que trata tanto da prática no

que se refere a pescadores locais, quanto no caso de turistas. Mesmo aqui, podemos ter uma noção da recenticidade dos olhares voltados a essa modalidade de pesca: a Instrução Normativa Interministerial número 09, que trata especificamente da pesca amadora, data de junho de 2012 (BRASIL, 2012). Há, ainda, portarias do Ibama que definem normas gerais para a pesca amadora, como a portaria número 30, de maio de 2003 (BRASIL, 2003). É interessante destacar que, mesmo em decorrência da recenticidade desse tipo de definição e normatização, entre outros fatores, existem conflitos entre os praticantes e as instituições, inclusive em relação a informações e processos decorrentes da prática (BRASIL, 2010). Nesse sentido, o enfoque de análise aqui engloba essencialmente a organização no âmbito do ICES, abarcando apenas lateralmente outras instituições envolvidas.

Alguns estudos vêm sendo realizados no intuito de tratar das motivações e objetivos da prática desse tipo de pesca, que podem variar de acordo com o contexto envolvido e a finalidade da prática. Para o pescador amador, destaca-se sua associação com o lazer (*hobby*). Além disso, é possível dizer que, no imaginário popular, a pesca possui uma conotação bastante difundida de que funcionaria como um mecanismo de relaxamento do indivíduo.

Nesse sentido, autores como Zacarkim, Ferrari e Freitag (2003) afirmam que a pesca adquire diversos sentidos para os pescadores, como, por exemplo: contato

com a natureza, esporte e lazer, aliviar o estresse e meio para conhecer novos lugares. Mais que um modo de obtenção de alimento, a pesca tornou-se uma das atividades de lazer mais praticadas em todo o mundo, transformando-se em uma das formas preferidas de compensação do estresse cotidiano (BASAGLIA; VIEIRA, 2005). Fedler e Ditton (1986), ao elencarem motivos que diferentes tipos de pescadores relatam para realizar a pesca, listam que, dentre eles, está: relaxar, estar ao ar livre, escapar da rotina, praticar exercício e sentir-se envolto em um ambiente natural. Aliado a isto, buscam, igualmente, um cenário bonito e pouco movimentado (BASAGLIA; VIEIRA, 2005).

Ao mesmo tempo em que a pesca colabora para o relaxamento do indivíduo, tal prática contribui também para a sociabilidade entre indivíduos. Neste aspecto, pode ser citada como aspecto motivador para diferentes pescadores a experiência de estar com os amigos, com a família, além da recreação familiar (BASAGLIA; VIEIRA, 2005; FEDLER; DITTON, 1986; ZACARKIM; FERRARI; FREITAG, 2003). Dessa maneira, destaca-se a dimensão de sociabilidade entre indivíduos, que se mostra inerente à prática da pesca e possui relevante importância aos sujeitos praticantes (FEDLER; DITTON, 1986).

A competição também se destaca como elemento presente entre os pescadores amadores, seja ela entre amigos ou através da participação de campeonatos

formais. Apesar do nome "pesca amadora", alguns pescadores se mostram verdadeiros entusiastas da prática, tornando-a um esporte de rendimento para o qual se requer estudo, experiência e treino. Entre os elementos motivadores da pesca estudados por Fedler e Ditton (1986), são destacados os fatores de desenvolvimento das habilidades e teste de equipamentos. As competições de pesca acontecem em diversos locais do Brasil e podem ser mais ou menos estruturadas. Tais eventos têm em comum o aspecto supostamente amigável e o foco não na quantidade, mas sim em peixes específicos (ZACARKIM; FERRARI; FREITAG, 2003).

Tendo apresentado o contexto e o quadro teórico que norteiam as análises aqui desenvolvidas, o próximo tópico aborda as estratégias metodológicas do estudo.

### BATENDO ISCA<sup>3</sup>: ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo caracterizou-se pela utilização da estratégia qualitativa, por meio de um estudo descritivo. Como o estudo pretendeu conhecer as nuances das representações circulantes entre pescadores de pesca amadora embarcada de oceano, este pode ser caracterizado como qualitativo. Um estudo qualitativo, segundo Neves (1996), tem as seguintes características: (1) ambiente natural como

---

<sup>3</sup> "Bater isca" é uma expressão que significa a ação de arremessar a isca próxima ao local desejado.

fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; (2) o caráter descritivo; (3) o significado que as pessoas dão às coisas e a sua vida como preocupação do investigador; (4) enfoque indutivo. Isso mostra que o estudo qualitativo busca definir a intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais. Aaker, Kumar e Day (2001) relatam que os dados qualitativos são coletados para se conhecer melhor os aspectos que não podem ser observados e medidos diretamente como, por exemplo, sentimentos, pensamentos, intenções e comportamentos passados.

A coleta de dados se deu através de pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas com praticantes de pesca embarcada de oceano, todos sócios do Iate Clube do Espírito Santo (ICES). A organização, cuja fundação remonta à década de 1940, configura-se, contemporaneamente, como uma referência na pesca de oceano mundial, hoje contando com cerca de 45 lanchas dedicadas ao esporte. A organização possui atualmente cerca de mil sócios e tem por objetivo, entre a realização de ações e atividades diversas entre os sócios, a promoção de esportes náuticos/aquáticos, seja iatismo, pesca ou natação.

Cabe destacar que diversos campeonatos nacionais internacionais foram realizados no Estado, alguns sediados no ICES, com a presença de pescadores de vários locais do mundo. Muitos recordes reconhecidos pela *International Game Fish*

*Association* (IGFA) foram quebrados no Espírito Santo e permanecem até hoje. Muitos destes recordes foram realizados por estrangeiros que vinham ao Estado para praticar a pesca, fato este que impulsionou a economia local e o desenvolvimento do próprio ICES.

A escolha do lócus de pesquisa se deu justamente em virtude dessa representatividade perante os praticantes da pesca amadora no local, e também pela inserção de um dos autores deste artigo no universo da pesca.

Inicialmente, uma pesquisa documental foi feita em publicações a respeito dos temas apresentados nesse estudo. Um estudo documental, para Gil (2007), é aquele que usa de fontes que não receberam um tratamento, ou seja, os dados estão dispostos de maneira que precisam ainda receber algum tipo de análise. Nesta pesquisa, os principais documentos pesquisados foram relatórios emitidos por organizações relacionadas à pesca.

Para a obtenção dos dados primários desta pesquisa, foram feitas entrevistas com os indivíduos que são o alvo do estudo. A técnica de coleta de dados julgada mais apropriada para a realização da análise foi a de entrevistas em profundidade de caráter semiestruturado. Essa técnica possui maior flexibilidade, permitindo que o entrevistado construa suas respostas sem ficar

preso a um roteiro rigoroso de mediação por parte do entrevistador (LAKATOS; MARCONI 2007).

O grupo de entrevistados foi formado através de indicações realizadas por meio de contato com pescadores amadores sócios do ICES. Ao todo, sete sujeitos aceitaram participar das entrevistas. Todas as entrevistas foram gravadas para melhor registro, o que se deu com a autorização dos pesquisados.

A maioria dos entrevistados possui o curso superior completo, todos são do sexo masculino e estão na faixa etária de 43 a 65 anos, conforme a seguinte caracterização:

Quadro 1: Caracterização dos entrevistados

Sujeito entrevistado	Idade	Formação
S1	46	Superior Completo
S2	64	Superior Completo
S3	64	Ensino Médio
S4	45	Superior Completo
S5	53	Superior Completo
S6	43	Superior Incompleto
S7	43	Superior Completo

Fonte: Dados da pesquisa

A técnica de análise de conteúdo foi utilizada neste estudo. A análise de conteúdo é utilizada primeiramente a partir da mensagem, seja ela verbal, escrita ou gestual. A partir da mensagem obtida, o pesquisador inicia um processo que tem o intuito de produzir inferências (FRANCO, 2008). É a inferência que confere à análise relevância teórica e pressupõe a comparação dos dados com os pressupostos teóricos. As condições contextuais em que os emissores dessa mensagem se encontram são levadas em consideração pelo pesquisador na produção dessas inferências.

As categorias de análise podem ser feitas *a priori*, ou seja, antes da realização da pesquisa e posteriormente à realização ou, ainda, pode-se utilizar as duas maneiras em um método misto, que foi utilizado neste trabalho. Sobre essa escolha, Franco (2008) relata que acontece quando existe interesse do pesquisador em buscar uma resposta específica. Quando a escolha das categorias se dá após a realização da pesquisa, essas emergem da fala, do discurso e do conteúdo das respostas. As categorias vão sendo criadas à medida que surgem nas respostas, para depois serem interpretadas de acordo com as teorias explicativas.

Após descrever como foram utilizadas as contribuições da teoria e o método utilizado, são apresentadas a seguir as análises realizadas.

## TOMANDO LINHA<sup>4</sup>: CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, são apresentados os dados obtidos através das entrevistas realizadas com pescadores do ICES. Cabe destacar aqui que a problematização realizada teve como enfoque conhecer melhor aspectos simbólicos relacionados ao cotidiano de praticantes da pesca amadora embarcada, sujeitos esses envolvidos na construção e reconstrução de significados associados a uma prática conectada a (e mediada por) uma organização especificamente, o ICES. Tal cotidiano, contextualizado nessa vivência organizacional (na qualidade de cliente, sócio ou frequentador), permeia a produção e reprodução das significações associadas à pesca em si. Entende-se, logo, que os simbolismos organizacionais compõem-se de redes de significados que extrapolam os limites físicos da organização, evidenciando homogeneidades e heterogeneidades que circulam e se entrecruzam, dificultando a identificação do que é interno e/ou externo a ela (CAVEDON, 2003). Portanto, a análise desses elementos simbólicos permite o desvendamento de aspectos organizacionais relacionados às interações e relações dadas no contexto do ICES, ainda que fora de seu espaço físico.

Nesse sentido, a categorização realizada no âmbito desta pesquisa procura dar conta de um contexto maior do que a própria organização em discussão, uma vez

---

<sup>4</sup> "Tomar linha" é o embate entre pescador e peixe depois de fígado.

que as redes de significados não se restringem a ela, algo que se sobressai ainda mais no caso estudado, devido à natureza da prática. Dessa forma, as categorias construídas *a priori* foram extraídas do referencial teórico consultado, que trata não de discussões específicas sobre a esfera organizacional ou institucional, mas sim sobre a prática da pesca e a relação dos sujeitos com ela, bem como a relação entre os sujeitos, mediada pela pesca. O nível de análise da pesquisa, essencialmente voltado ao sujeito e ao grupo, permite desnudar aspectos simbólicos por meio da TRS que deixam antever algumas questões organizacionais, evidenciadas oportunamente neste texto, ainda que o nível de análise não seja correspondente à organização.

Assim, os próximos itens abordarão os dados de campo em função das categorias obtidas a partir do referencial teórico utilizado e dos dados de campo, quais sejam: alívio do estresse, sociabilidade, competição/*performance* e preservação.

#### "Tá estressado? Vai pescar!": a pesca como atividade que tranquiliza

Ideia muito presente no imaginário popular, a pesca como atividade que alivia o estresse pode ser identificada através de expressões populares, como a conhecida "Tá estressado? Vai pescar!". Nesse sentido, a pesca como atividade que, segundo os pescadores, tem características relaxantes, esteve presente em parte

do discurso dos entrevistados, como pode ser visto a seguir. No entanto, o que surpreendeu é que não apareceu de forma espontânea para alguns entrevistados. Apenas depois de perguntados em relação aos aspectos relaxantes da pesca, estes relataram que a utilizam para fins de alívio do estresse e fuga de problemas da rotina.

Essa conotação de relaxamento associada à prática da pesca foi mencionada pelos entrevistados de maneira heterogênea. Alguns atribuíram o fator de relaxamento a diversas características que estão ligadas à pesca, dentre elas o contato com a natureza, tirar da cabeça o pensamento em problemas, sair da rotina, desligar-se do cotidiano ou, ainda, a ausência de horizontes. Os trechos abaixo ilustram essas representações:

Eu comecei como uma indicação de meu irmão, para desestressar, foi justamente quando a minha mulher estava doente, meu irmão disse que eu estava muito estressado, precisava sair, pescar (S1) [...].

A pesca é o momento de você conviver, primeiro com a natureza. Um dia de pesca é um dia que você realmente desliga do seu cotidiano. E a amplitude do mar, a ausência de horizontes para mim faz muita falta. Para quem tem grande parte da atividade dentro de sala cirúrgica, que é um ambiente restrito. Eu tenho muita necessidade da amplitude, não ter horizonte (S2).

"A TURMA AQUI GOSTA DE GANHAR":  
REPRESENTAÇÕES SOBRE A PESCA AMADORA EMBARCADA NO IATE CLUBE DO ESPÍRITO SANTO

Um *hobby*, desestressar, é um local que você pode levar um sujeito que trabalha na mesma profissão sua, com problemas iguais. Você chega lá, ninguém conversa de trabalho. O tempo todo diversão (S3).

Não me vejo sem pescar, fico duas três semanas sem pescar e já fico agoniado (S3).

A pescaria de marlim tem muita técnica, para você fazer para que o peixe coma a isca. Essa é a pescaria que te deixa em um estado de paz, de luz. Você fica numa emoção constante ali, que libera endorfina (S4).

As falas de campo indicam a circulação de representações sociais que denotam essas percepções de paz e tranquilidade. Isso corrobora a ideia de que, para muitos pescadores, a busca por alívio do estresse mostra-se como uma das motivações. Tal aspecto está de acordo com a literatura na área, de forma que há autores que argumentam que, não importa de que tipo de contexto o pescador venha ou que tipo de pesca ele pratica, a busca do relaxamento do indivíduo é uma das características desse grupo (AAS; KATELBORN, 1995). Vale destacar que foi mencionada durante as entrevistas a prática da pesca como sendo atividade relacionada ao gerenciamento do estresse gerado por atividades laborais, como mencionado no fragmento a seguir. Nesse caso, a indicação para a prática da pesca partiu de um profissional da medicina:

A pesca para mim foi indicação médica, inclusive, como eu tenho um trabalho muito estressante, com um número muito grande de funcionários, aí me gera muito estresse (S5).

Neste item, foi analisada a categoria que se supunha, *a priori*, que seria a mais relevante dentre os aspectos pesquisados. No entanto, não foi isso que foi se constatou. É interessante que, como dito anteriormente, os entrevistados mencionaram esta categoria apenas quando provocados. E, ainda, muitas dessas falas remetem ao senso comum, como a indicação de alguém por conta da convivência com um colega irritado, ou simplesmente pelo ato de estar em um ambiente externo, próximo à natureza. A questão é que poucos pesquisados dedicaram-se, em suas entrevistas, aos elementos simbólicos associados a tal representação, o que pode ser observado pela homogeneidade e pouco detalhamento em relação às falas obtidas em campo.

O penúltimo trecho apresentado, correspondente ao entrevistado S4, fornece-nos pistas sobre significações reproduzidas em outro âmbito, que relacionam a pesca a uma atividade estimulante, e não propriamente calmante. Mais adiante neste texto podemos ver que o aspecto da competição e *performance* da pesca tem grande relevância para os entrevistados, talvez até mais do que o alívio do estresse. Em detrimento do relaxamento causado pela pesca, a competição, por

sua vez, pode gerar atritos e um estresse propriamente dito para os praticantes da pesca embarcada.

No próximo tópico, trataremos de uma categoria que apareceu de forma significativa nas entrevistas, a sociabilidade, que se mostrou característica profunda e enraizada na tradição da pesca amadora.

#### "Todos os amigos que eu tenho": a dimensão da sociabilidade

Outra dimensão presente no discurso dos pescadores se refere às falas relacionadas à categoria sociabilidade. A esse respeito, autores como Ditton (1986) e Schramm e Gerard (2004) ressaltam que a experiência da pesca vai muito além de apenas capturar um peixe. Ela está envolvida em uma diversa gama de significados. Estes autores, ao mensurar a importância de diversos aspectos ligados à pesca, depararam-se com o fato de que estar com os amigos é uma motivação muito importante para os pescadores que esses autores entrevistaram. Nos extratos a seguir, vemos exemplos desse tipo de representação:

Na modalidade oceânica nós verificamos que há uma intensa integração das melhores possíveis (S3).

Eu percebo que o pescador, ele tem uma empatia pelo outro, que você forma um ciclo de amizade não só *in loco*, ou seja, no local onde você mora, como em qualquer outro local que você vai pescar, pantanal etc. (S4)

O ICES proporciona aquela diversão, que é a integração entre vários pescadores e diferente de um lugar que você está, às vezes, isolado com seu barco de pesca (S5).

O ciclo de amizade devido à pesca cresce muito. Para você ter ideia, aqui, em um campeonato de pesca com 20 embarcações, vezes cinco pescadores, dá mais de 200 pescadores [sic]. Isso te proporciona aumentar seu convívio de amigos, muito maior do que o normal de trabalho, casa, botequim. Você cria realmente um laço de amizade muito grande, isso muitas vezes até fora [do país] porque participo de campeonatos no exterior, então tenho amigos de todas as partes do mundo (S5).

A amizade é fantástica, na hora é uma encrenca porque a adrenalina é muito alta, mas depois que libera o peixe, aí todo mundo se abraça, é uma festa, né (S6).

Todos os amigos que eu tenho foram em função da pescaria, e é uma amizade muito sólida, a gente fala de coisas boas (S6).

É nítida, nos extratos das falas de campo, a valorização das amizades feitas através da pesca. Praticamente todos os entrevistados relataram que novas amizades foram criadas a partir da prática da pesca e, ao mesmo tempo, laços foram reafirmados. A organização, nesse caso, aparece como mediadora de tais relações, que extrapolam a prática em si e mesmo o espaço do ICES ou da pesca, evidenciando significados que perpassam o cotidiano na e da organização, mas não se limitam a ela.

Chamou a atenção nas entrevistas o envolvimento familiar relacionado à pesca. Muitas vezes, esse é um *hobby* que é passado de pai para filho. Também é relevante destacar que tais elementos aparecem em outras pesquisas: Zacarkim, Ferrari e Freitag (2003), por exemplo, relatam que grande parte dos pescadores esportivos realiza a prática acompanhada de amigos ou de familiares. No extrato a seguir, podemos ver um exemplo disso:

Na minha família, pescar já é uma tradição, todo mundo da minha família pesca. Meus irmãos pescam, meu pai pesca e meus filhos já estão pescando (S5).

Em contrapartida, a sociabilidade que a pesca promove evidencia, igualmente, outro aspecto desta prática: a competição. Tal elemento mostra-se parte

importante da pesca amadora, de forma que ficou evidente, nas falas dos sujeitos, uma constante busca por melhores *performances*.

### “O segundo lugar é o primeiro dos últimos”: disputa, *performance* e competição em alto-mar

Na pesca oceânica, a competição entre pescadores é muito comum, geralmente organizada por clubes como o próprio ICES. Durante as entrevistas, foi percebido que os torneios de pesca possuem elevada importância para os praticantes da pesca amadora embarcada. Esta categoria surpreendeu pela maneira como foi abordada pelos entrevistados. Em todas as entrevistas, foi possível notar que o nível de competição é alto, existe rivalidade e uma disputa considerada até certo ponto “saudável”, nas palavras dos sujeitos entrevistados. Durante a fase das entrevistas, ficou evidenciado que, apesar de afirmarem que a prática gera alívio do estresse, os pesquisados relataram que a vontade de superar tanto oponentes como a si próprio gera conflitos. Existe, então, uma aparente ambiguidade entre o benefício relativo da pesca para o alívio do estresse e o estresse gerado por disputas entre amigos e torneios. Essa contradição fica clara nos extratos abaixo:

"A TURMA AQUI GOSTA DE GANHAR":  
REPRESENTAÇÕES SOBRE A PESCA AMADORA EMBARCADA NO IATE CLUBE DO ESPÍRITO SANTO

Pescaria é um esporte que não tem briga, é uma disputa saudável. Claro, tá? Todo mundo torce por si, mas você sempre torce por uma briga justa (S7).

Briga vai ter sempre, porque um tá pegando mais peixe que o outro (S7).

[...] uma brincadeira amadora, que, como qualquer tipo de esporte, existe aquela competitividade, rivalidade, mas uma rivalidade muito sadia (S1).

Durante o ano todo é lazer. Mas existe uma época do ano que é competitividade. Que é o campeonato, que a gente vai com força, com vontade de ganhar (S1).

A vontade de ganhar é igual a qualquer disputa (S1).

Fica claro o aspecto competitivo da pesca como uma disputa que é levada a sério pelos praticantes. Contudo, durante as entrevistas, foi percebido de maneira indireta que os conflitos oriundos das competições não são um assunto do qual se fala abertamente. Foi percebido um mal estar relacionado aos conflitos que os torneios podem gerar. Por conta disso, observou-se certa "esquiva" quando este assunto era trazido à tona. Os conflitos poderiam ser interpretados, na visão dos entrevistados, como prejudiciais à harmonia do grupo. No extrato abaixo, temos

um exemplo disso, em um caso no qual o conflito, de certa maneira, teria afastado os amigos:

Eu, que sempre participei de todos os campeonatos desde os 18 anos, no ano passado não participei de campeonato, não estava sendo uma coisa salutar, briga com amigos. O meu objetivo é pescar. Se eu ganhar um campeonato, bem; se não ganhar, amém (S3).

Esse alto nível de competitividade reflete-se nas observações dos entrevistados. As expressões "disputa ferrenha" e "rivalidade" apareceram em várias entrevistas. No extrato a seguir, pode-se ter uma ideia dos sentimentos dos entrevistados em relação à disputa de campeonatos:

Essa briga se torna ferrenha, a turma aqui gosta de ganhar. É rival mesmo, de sair na porrada às vezes. Briga feia (S5).

O segundo lugar é o primeiro dos últimos, todo mundo quer ganhar (S7).

O reflexo dessa alta competitividade pode ser visto na dedicação quanto à *performance* dos pescadores deste grupo. O ambiente competitivo leva os pescadores a buscarem por inovações em termos de técnica e equipamento. Nos extratos abaixo podemos perceber essa busca:

"A TURMA AQUI GOSTA DE GANHAR":  
REPRESENTAÇÕES SOBRE A PESCA AMADORA EMBARCADA NO IATE CLUBE DO ESPÍRITO SANTO

[...] estão sempre lançando inovações então você tá sempre tendo que aprimorar, eu, por exemplo, vou todo ano a Miami olhar o que tem de novo (S4).

A gente tá sempre evoluindo nessa área de material e tipo de linha, tipo de carretilha e até mesmo o tipo de pescar. Está evoluindo muito a maneira como se pesca (S5).

A gente busca se manter atualizado para fazer bonito na hora da competição (S3).

Aas e Katelborn 1995 (1995) e Pawson, Glenn e Padda (2008), ao pesquisarem as motivações principais dos pescadores, chegaram à conclusão que a competição e o desempenho ficam atrás de motivações mais subjetivas e inerentes à pesca, como estar ao ar livre e fugir da rotina. No entanto, pode-se perceber um contraste com as entrevistas realizadas nessa pesquisa onde, em alguns casos, o desempenho é levado seriamente em consideração. Vale destacar que não é possível fazer uma comparação mais precisa entre essas pesquisas e o presente estudo devido às diferenças metodológicas utilizadas e as diferenças culturais presentes nos contextos estudados. Entretanto, ficou claro, na análise e comparação destes estudos, que, quanto maior o envolvimento do indivíduo com a

pesca, mais importante será, para ele, o desempenho na prática da pesca dentro e fora de competições (FEDLER; DITTON 1986).

Ao final, está a categoria que surgiu de forma espontânea nas entrevistas, sem ter sido elencada pelos autores pesquisados na construção do referencial teórico. A preservação ambiental esteve muito presente no discurso dos pescadores, de forma que tal categoria êmica foi incluída nas análises depois da coleta dos dados. Assim, no item a seguir, vemos as representações que versam sobre o assunto.

#### “Vale mais vivo do que morto”: a preservação ambiental

A categoria preservação, embora não estivesse presente na categorização inicial, surgiu espontaneamente nas entrevistas. Acreditamos que isso tenha ocorrido devido à presença dos elementos associados ao impacto causado pela pesca no imaginário dos pescadores. A visão dos entrevistados sobre tais aspectos não foi homogênea. Estes possuem diversas visões sobre o assunto, de maneira que as falas colocaram a pesca profissional/comercial em oposição à amadora. O discurso de que a pesca amadora possui impacto insignificante em comparação a pesca profissional/comercial destacou-se em algumas entrevistas. Nos trechos a seguir, temos exemplos dessa representação:

"A TURMA AQUI GOSTA DE GANHAR":  
REPRESENTAÇÕES SOBRE A PESCA AMADORA EMBARCADA NO IATE CLUBE DO ESPÍRITO SANTO

[...] é o grande lance de preservação, a pesca esportiva nunca vai impactar de forma nenhuma o meio ambiente, porque é tudo solto (S1).

A principal característica de todos [os pescadores] é o respeito ao meio ambiente. É entender que a nossa atividade depende de ter o peixe. Para ter o peixe temos que ter o ambiente saudável. 100% dos peixes, exceto a possibilidade de recorde, são liberados em boas condições. Então é uma característica muito forte a todos (S2).

[...] a pesca esportiva se preocupa com a morte possível de um único indivíduo (S2).

Vamos fiscalizar a pesca esportiva, mais do que justo, mas vamos fiscalizar a pesca profissional também (S2).

O nosso tipo de pesca não tem impacto nenhum. A captura que a gente faz é tão ínfima, o impacto é nulo. Não existe impacto no nosso tipo de pesca (S3).

Você está pescando com um caniço e um anzol, eventualmente tem três pescadores, três anzóis contra um milhão e quinhentos anzóis [da pesca profissional] (S4).

O impacto da pescaria de torneios, vamos dizer assim, eu não diria que chega a 0,1% de impacto e olhe lá. Pra pescaria profissional (S4).

Na pesca de peixes de bico, a prática do pesque e solte é comum. Isto se dá devido à característica migratória destes animais e principalmente para a preservação da espécie. Tal prática consiste na captura do animal, seguida pelo registro, como pesagem, fotografia e a devolução deste para o meio ambiente. A maioria dos entrevistados se mostra a favor desta prática, alegando expressamente sua necessidade para a preservação das espécies. Nos extratos abaixo podemos ver isso:

Impacto nenhum, pega e solta, não simplesmente solta, pega no bico dele, a lancha anda e oxigena o peixe, pois ele só consegue filtrar o oxigênio da água caso esteja em movimento (S1).

Essa é a maior satisfação que nós temos, é liberar esse peixe (S6).

O que proporciona a alegria, a satisfação maior, é o detalhe de você soltar o peixe. Você devolver a vida pra um animal igual o marlim é uma coisa muito gratificante (S7).

"A TURMA AQUI GOSTA DE GANHAR":  
REPRESENTAÇÕES SOBRE A PESCA AMADORA EMBARCADA NO IATE CLUBE DO ESPÍRITO SANTO

Hoje, quando a gente embarca um marlim e vê ele sangrando dentro da lancha é como se você tivesse matado um animal que você conhecesse. Você pensa assim, será que eu já pesquei esse peixe? (S7)

Um marlim vale muito mais vivo do que morto (S2).

Esse posicionamento dos pescadores quanto aos aspectos de conservação ocorre devido ao fato de lidarem diretamente com animais que são peças chave na cadeia alimentar (FABRI, 2006). Segundo Pawson, Glenn e Padda (2008) a prática do pesque e solte é uma tendência mundial. Isto acontece, segundo os autores, devido ao aspecto de conservação desta prática, principalmente aliada a torneios de pesca. Contudo, vale destacar que a prática do pesque e solte, apesar de muito difundida na pesca de peixes de bico, não é feita por todos. Existe uma parcela dos pescadores que resiste a essa tendência e continua embarcando os peixes capturados. No extrato abaixo, vemos o exemplo de um sujeito que resiste à tendência da prática do pesque e solte:

Então, eu acho que a pesca esportiva, mesmo durante um certame, um campeonato, torneio. O peixe deveria ser embarcado, coisa que não acontece, mas não é no Brasil, não. É uma regra parece que geral, mundial. Só que no Brasil nós temos muito peixe, e uma vez por ano esses peixes migratórios (S4).



Tentaram várias modalidades aqui, *tag*, botar um chip no marlim e depois soltar. Se você brigar com um marlim, se você brigar com ele, se você traz ele rápido, provavelmente se você botar um *tag* nele e liberar, ele provavelmente ele vai sobreviver, mas tem peixe que briga mesmo. Às vezes vai pro fundo, então você fica ali uma hora, uma hora e meia, tem gente que fica até duas horas para trazer o peixe pro barco. Ele chega fragilizado, cara, então o predador dele já tá do lado ali, ele já não tem a mesma velocidade e alguns enfartam. Outros, você tem que reanimar para tentar soltar e tem peixe que já era. Por que não embarcar e dar para um asilo? (S4).

A dissonância da fala desse sujeito em relação aos demais pode evidenciar um conflito por trás de um aparente consenso. Durante as entrevistas, foi observada a preocupação dos pescadores não só em relatar o (baixo) impacto da pesca amadora no ecossistema, mas também em defender a imagem da pesca, ressaltando que o impacto é pequeno ou nulo, quase sempre em contraposição à chamada pesca profissional. Os argumentos favoráveis à devolução dos animais ao ambiente fazem coro com elementos simbólicos que estabelecem tais oposições, e a defesa da imagem desse tipo de prática ocorre em termos de um movimento de distinção em relação aos demais pescadores.

As representações desnudadas através desta pesquisa deixam entrever a própria necessidade de afirmação da prática da pesca amadora, recentemente

reconhecida e em franco crescimento (BRASIL, 2012). Também em virtude disso, os praticantes se colocam como defensores de um tipo de pesca que seria menos impactante em termos ambientais que a pesca artesanal, de subsistência ou a pesca em escala industrial. Por isso, a defesa das potencialidades da prática, frequentemente apresentadas em alguns discursos institucionais (BRASIL, 2012), seja em termos turísticos ou ecológicos, vem ganhando algum espaço no debate relativo à pesca, o que vem demandando, inclusive, novas regulamentações e um esforço fiscalizatório maior por parte dos órgãos competentes (BRASIL, 2012).

O entrevistado S4 apresenta argumentos relevantes do ponto de vista da crítica sobre a prática do pesque e solte, que faz parte das “regras do jogo” institucionalizadas no âmbito da pesca amadora, e que implicam uma maior aceitação do pescador perante a comunidade, tendo em vista o grau de difusão e consentimento dessa prática. O sujeito traz à discussão o desgaste físico do animal, que o deixaria vulnerável a predadores, mostrando que o impacto ambiental aparentemente nulo do pescar e soltar não corresponderia à realidade.

Sendo assim, é interessante observar a forma como as representações sociais são elementos relevantes no processo de apreensão da realidade, que permitem que os sujeitos lidem com aspectos de seu cotidiano que se apresentam de forma contraditória. O aspecto supostamente conservacionista relacionado à prática do

pesque e solte é trazido e enaltecido por alguns sujeitos, de forma a estabelecer oposições em relação a outros pescadores e formar uma imagem de uma atividade praticamente sem impacto, o que parece não ser totalmente consenso entre os sujeitos envolvidos.

No próximo capítulo são apresentadas as considerações desenvolvidas a partir da análise dos dados obtidos na pesquisa.

### TÁ NA FOTO<sup>5</sup>: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS SIGNIFICADOS DA PESCA

O presente artigo teve como objetivos compreender as representações sociais identificadas nas falas dos sujeitos entrevistados. Após a aplicação de uma análise de conteúdo de cunho categorial, as categorias descritas foram, conforme destacado: alívio de estresse, sociabilidade, *performance*/competição e preservação do ambiente. Cabe ressaltar que, das quatro categorias apresentadas, três delas já foram apontadas em outros estudos, tendo sido construídas a partir do referencial teórico. A categoria de preservação do ambiente emergiu dos dados de campo, conforme já abordado.

---

<sup>5</sup> Expressão que designa o momento em que o peixe é retirado da água.

Neste estudo, ficou claro, após a análise das entrevistas, que, para os pescadores amadores do ICES, o significado da pesca tem alguma associação ao alívio do estresse, embora não tenha sido mencionado espontaneamente. Por outro lado, a competição se mostra uma forma de complementar a experiência, de maneira a fomentar a busca por um melhor desempenho tanto em competições como fora delas. Dessa maneira, a competição amplia o significado da pesca amadora, de forma a gerar uma experiência mais desafiadora, o que leva à constante procura da superação de seus próprios objetivos e de competidores. Com isso, a pesca passa de simples atividade de lazer para uma empreitada que envolve a busca por um melhor desempenho através de estudo, aprimoramento e até viagens ao exterior, para a participação de feiras de pesca esportiva e aquisição de material especializado.

A sociabilidade representada nas falas dos pescadores demonstra que a pesca possui, em sua percepção, a característica de aproximação entre os seus praticantes, através de conversas e o relato de experiências. Esta integração está associada à atmosfera de amizade que pode ser observada em algumas falas expressas pelos pescadores, na medida em que a sociabilidade transcende o universo da pesca e é levada para o âmbito profissional e familiar.

O tema preservação ambiental apareceu nas entrevistas, apesar de não ser um aspecto visado neste estudo, o que leva a crer que os entrevistados possuem um

pertinente interesse sobre o assunto. Os impactos da pesca amadora nas entrevistas foram, por diversas vezes, comparados aos impactos ambientais da pesca profissional e, nessa comparação, sempre menosprezados. Os pescadores, apesar de minimizarem os impactos causados por eles, têm consciência da importância da preservação ambiental e sugerem, de uma forma geral, a ampliação e melhor estruturação dos órgãos fiscalizadores das atividades pesqueiras.

É interessante destacar, nesse sentido, que fenômenos organizacionais, enquanto coletivos e sociais, podem ser compreendidos de forma atrelada a elementos da psicologia social, emergentes do cotidiano vivido pelos sujeitos envolvidos. Conforme já abordado neste texto, as RS se manifestam de forma não objetiva, desvendáveis a partir da linguagem, mas também de comportamentos e sentimentos. Tal analítica possui um papel importante na compreensão de dinâmicas sociais e organizacionais, de forma que se apresenta como fundamental para um entendimento verossímil da realidade dos sujeitos em estudo.

Destarte, a partir das RS, os sujeitos se reapropriam dessa realidade, reconstróem-na em seu cotidiano, lidando, assim, com as contradições presentes nesse processo. No caso estudado, tais contradições aparecem vividamente nas

representações sobre o alívio do estresse e a competição que seriam inerentes à pesca. Existe no senso comum uma imagem da pesca associada a pessoas tranquilas e sem preocupações, algo que foi reforçado nos discursos dos sujeitos entrevistados após estímulo do entrevistador. A apropriação dessa imagem sob a forma de RS aproxima-se da realidade vivida através dos processos de ancoragem e objetivação, que tentam aproximar essa noção daquilo que de fato faz parte do cotidiano dos pescadores.

Por outro lado, a questão da competição e da *performance* não estão presentes nesse imaginário popular, mas são características inerentes aos praticantes da pesca amadora, conforme os dados obtidos em campo. A análise do dito e do não-dito nesse caso foi fundamental, uma vez que os entrevistados mostraram um evidente constrangimento ao tocar na questão das disputas entre pescadores. Isso foi percebido em alguns fragmentos de discurso, principalmente em virtude do fato de que o assunto era rapidamente alterado por iniciativa do sujeito pesquisado. A oposição dessas duas RS evidencia contradições e ambiguidades vividas pelos sujeitos em seu cotidiano, em uma prática marcada por grande competitividade, que permeia e extrapola a vida na organização.

A ambiguidade também é perceptível na RS correspondente à preservação ambiental. O fato de tais falas terem emergido espontaneamente do campo

denota um esforço de afirmação e defesa da prática da pesca amadora que se destaca em um contexto de oposição a outras modalidades, como a pesca artesanal e a industrial, por exemplo. Contudo, cabe destacar que nem sempre tais processos operam em nível racional, de forma que a atenuação da consciência em termos de uma atividade que pode ter impactos ambientais compõe igualmente a construção e circulação de RS.

Quanto às limitações deste estudo, é importante afirmar que a técnica de entrevista apresenta limitações características da modalidade, como o entrevistado ser influenciado, inconscientemente ou conscientemente pelo questionador (GIL, 2009). Outro ponto é relacionado ao número de entrevistados. Os resultados desse estudo não podem ser generalizados, restringem-se ao grupo pesquisado.

Todavia, destacamos a importância deste estudo para os agentes que atuam no ramo que oferece serviços a esse grupo e a esfera governamental na elaboração de políticas públicas consonantes à pesca. As representações sociais identificadas e descritas neste estudo fornecem informações relevantes para que se tenha um conhecimento mais abrangente sobre os indivíduos e sua forma de atuação, bem como sobre a realidade de sujeitos envolvidos no cotidiano da organização em estudo.

## REFERÊNCIAS

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. Marketing research. New York: Jon Wiley and Son, 2001. 798 p.

AAS, O.; KATELBORN, B.P. Consumptive orientation of anglers in Engerdal, Norway. Environmental Management, Dordrecht, v. 19, n. 5, p. 751-761, Sep./Oct. 1995.

ARFELLI, C. A.; AMORIM, A. F.; GRAÇA-LOPES, R. Billfish sport fishery off Brazilian coast. Collective Volume of Scientific Papers, Madrid, v. 41, n. 1 p. 214-217, 1994.

BASAGLIA, T. P.; VIEIRA, J. P. A pesca amadora recreativa de caniço na praia do cassino, RS: necessidade de informações ecológicas aliada à espécie alvo. Brazilian Journal of Aquatic Science and Technology, Itajaí, v. 9, n. 1, p. 25-29, 2005.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1998. 247 p.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Documento de trabalho I Encontro Nacional da Pesca Amadora: Construindo a política da pesca amadora. Brasília: MPA, 2010. 28 p.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Instrução Normativa Interministerial n. 09 – Estabelece normas gerais para o exercício da pesca amadora em todo o território nacional. 13 jun. 2012. Disponível em: <[http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Instrucao\\_normativa/2012/in\\_inter\\_mpa\\_mma\\_09\\_2012\\_pescaamadoranacional.pdf](http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Instrucao_normativa/2012/in_inter_mpa_mma_09_2012_pescaamadoranacional.pdf)> Acesso em 12 fev. 2014.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. IBAMA. Portaria n. 30 – Estabelece normas gerais para a pesca amadora. 23 maio 2003. Disponível em: <https://www.mprs.mp.br/ambiente/legislacao/id4764.htm> Acesso em 23 jan. 2014.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. IBAMA. Plano nacional de desenvolvimento da pesca amadora. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/pescaamadora/inicio/home.htm> >. Acesso em 4 jun. 2013.

"A TURMA AQUI GOSTA DE GANHAR":  
REPRESENTAÇÕES SOBRE A PESCA AMADORA EMBARCADA NO IATE CLUBE DO ESPÍRITO SANTO

CARVALHO, A. R.; MEDEIROS, E. R. Levantamento socioeconômico e da composição de espécies entre os turistas que praticam a pesca recreativa no Rio Araguaia, região de Aruanã (GO). Revista Saúde e Ambiente, Joinville, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2005.

CAVEDON, N.R. Antropologia para administradores. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 182 p.

CHURCHILL, JR. G. A.; PETER, J. P. Marketing – criando valor para o cliente. São Paulo: Saraiva. 2003. 656 p.

DIAS-NETO, J. S.; DORNELLES, L. C. C. Diagnóstico da pesca marítima do Brasil. Brasília: IBAMA, 1996. 164 p.

DITTON, R.; MERTENS, T. J.; SCHWARTZ, M. P. Characteristics, participation, and motivations of Texas charter boat fishermen. Marine Fisheries Review, Washington, v. 40, n. 8, p. 8-13, Aug., 1978.

FABRI, J. B. Pesca. In: DACOSTA, L. P. (Org.). Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2006. p. 393-396.



FANTINEL, L. D.; FISCHER, T. M. D. ; CAVEDON, N. R. . Café sentado e conversado, onde a gente percorre o mundo, mas constrói a sociabilidade local: etnografia em um café de Salvador. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE O PODER LOCAL, XII, 2012, Salvador. Anais... Salvador: CIAGS/UFBA, 2012.

FEDLER, A.; J; DITTON, R. A. A framework for understanding the consumptive orientation of recreational fishermen. *Environmental Management*, Dordrecht, v. 10, n. 2, p. 221-227, 1986.

FRANCO, M. L. Análise de conteúdo. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008. 78 p.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo. Atlas, 2007. 200 p.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (Dir.). *Les représentations sociales*. 5. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1997. p. 47-78.

MALDONADO, F.; SANTOS, A.C. Cooperativas de pescadores artesanais: uma análise sob a perspectiva teórica. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, Lavras, v. 8, n. 3, p. 323-333, 2006.

"A TURMA AQUI GOSTA DE GANHAR":  
REPRESENTAÇÕES SOBRE A PESCA AMADORA EMBARCADA NO IATE CLUBE DO ESPÍRITO SANTO

MALDONADO, S. C. Pescadores do mar. São Paulo: Ática, 1986. 80 p.

MALHOTRA, N. K. Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. 768 p.

MOSCOVICI, S. Des représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour une histoire. In: JODELET, D. (Dir.). Les représentations sociales. 5. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1997. p. 79-103.

NETTO, S. L.; MATEUS, L. A. F. Comparação entre a pesca profissional-artesanal e pesca amadora no pantanal de Cáceres, Mato Grosso, Boletim do Instituto de Pesca, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 373-387, 2009.

OLIVEIRA, S. A.; BULGACOV, Y. L. M.; CANHADA, D. I. D. Contribuição das 'visões baseadas em práticas sociais' para a estratégia na administração. In: COLÓQUIO DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO, I, 2011. Anais... Florianópolis: UFSC, 2011.

PAWSON, M.; GLENN, H.; PADDA, G. The definition of marine recreational fishing in Europe. Marine Policy, Amsterdam, v. 32, p. 339-350, 2008.



PEIXER, J.; PETRERE JÚNIOR, M. Sportfishing in Cachoeiras das Emas in Mogi-Guaçu River, State of São Paulo, Brazil. *Brazilian Journal of Biology*, São Carlos, v. 69, n. 4, p. 1081-1090, nov. 2009

ROESCH, S. M. A. Projeto de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005. 336 p.

SÁ, C. P. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (Org.). *O conhecimento no cotidiano – as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 20-46.

SANTOS, R. J.; ARANTES, E. M. Turismo e dinâmica cultural em uma comunidade de pescadores artesanais: o caso do farol de Santa Marta em Laguna (SC). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 5-23, abr. 2010.

SCHATZKI, T. R. On organizations as they happen. *Organizational Studies*, London, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.

"A TURMA AQUI GOSTA DE GANHAR":  
REPRESENTAÇÕES SOBRE A PESCA AMADORA EMBARCADA NO IATE CLUBE DO ESPÍRITO SANTO

SEBRAE-RJ. Industria Náutica Brasileira: fatos & números 2012. Disponível em: <[http://www.portogente.com.br/arquivos/arq\\_862\\_industrianautica.pdf](http://www.portogente.com.br/arquivos/arq_862_industrianautica.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2014.

SILVA, Á. J. Iate 50 anos de História. Vitória: R&S Comunicação/Iate Clube do Espírito Santo, 2000. 130 p.

SCHRAMM, H. R.; GERARD, P. D. Temporal changes in fishing motivation among fishing club anglers in the United States. *Fisheries Management and Ecology*, New York, v. 11, n. 5, p. 313–321, Oct. 2004.

SHORCK, G.; MOTOLLA, L. S.; SILVA, M. H. Diagnóstico da pesca amadora embarcada na região de São Francisco do Sul (SC). *Revista CEPESUL: Biodiversidade E Conservação Marinha*, Itajaí, v. 1, n. 1, p. 8-17, 2010.

SOUZA, M. R. Etnoconhecimento caiçara e uso dos recursos pesqueiros por pescadores artesanais e esportivos no Vale do Ribeira. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Agroecossistemas) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004.

SPINK, M. J. P. O conceito de representações sociais na abordagem psicossocial. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul./set. 1993.

STRATI, A. Sensible knowledge and practice-based learning. Management Learning, London, v. 38, n. 1, p. 61-77, 2007.

TRIGUEIRO, A.; KNOX, W. Imagens da pesca artesanal no Espírito Santo. Vitória: GM, 2013. 194 p.

WEICK, K. E.; SUTCLIFFE, K. M.; OBSTEFELD, D. Organizing and the process of sensemaking. Organization Science, Catonsville, v. 16, n. 4, p. 409-421, July/Aug. 2005.

ZACARKIM, C. E.; FERRARI, E.; FREITAG, M. Perfil do pescador amador participante de eventos de pesca na região do Parque Nacional de Ilha Grande. Brasília: GPESCA, 2003. 13 p.

# "A turma aqui gosta de ganhar": representações sobre a pesca amadora embarcada no Iate Clube do Espírito Santo

## Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar as representações sociais circulantes entre pescadores associados ao Iate Clube do Espírito Santo e compreender os significados que a prática da pesca amadora possui para esses sujeitos. No intuito de atingir esse objetivo, foram feitas entrevistas semiestruturadas com sete praticantes da pesca amadora embarcada, integrantes de um núcleo de pesca que possui 35 anos. As falas de campo foram analisadas à luz da Teoria das Representações Sociais através da análise de conteúdo. Os resultados obtidos indicam que, para os pesquisados, a pesca transcende o objetivo de apenas relaxar e o significado é expandido para o melhor desempenho e a rivalidade entre competidores.

## Palavras-chave

Pesca amadora; pescadores; representações sociais.

# “The guys here like to win”: representations of recreational boat fishing in the Iate Clube do Espírito Santo

## Abstract

The goal of this study is to analyze the social representations among associated fisherman of Iate Clube do Espírito Santo and understand the different meanings that amateur fishing has for this people. To obtain this goal, interviews were made in a semi structured form with seven onboard fishermen in a fishing nucleus that exists for more than 35 years. The speech of the interviewed subjects were analyzed using the using the Social Representations theory through content analysis. The results of this study indicates that fishing transcends the objective of just relaxation and its meaning is expanded to a improvement of the performance and rivalry among competitors.

## Keywords

Fishing. Fishermen. Social representations.

## “A la gente aquí le gusta ganar”: representaciones sobre la pesca de placer en embarcación en el Iate Clube do Espírito Santo

### Resumen

Este estudio tiene como objetivo analizar las representaciones sociales que circulan entre los pescadores asociados con el Iate Clube do Espírito Santo y comprender los significados que la práctica de la pesca recreativa tiene para estas personas. Con el fin de lograr este objetivo, entrevistas semiestructuradas se realizaron con siete practicantes de pesca deportiva embarcada, miembros de un núcleo de pescadores que cuenta 35 años. Los discursos de campo se analizaron de acuerdo a la Teoría de las Representaciones Sociales a través del análisis de contenido. Los resultados indican que para los entrevistados la pesca trasciende el objetivo de simplemente relajarse y el significado se amplía para el mejor rendimiento y la rivalidad entre los competidores.

### Palabras clave

Pesca. Pescadores. Representaciones sociales.

## Autoria

### Ricardo Aguirre Guimarães

Bacharelado em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: [guima2930@hotmail.com](mailto:guima2930@hotmail.com).

### Letícia Dias Fantinel

Doutora em Administração pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: [leticiafantinel@gmail.com](mailto:leticiafantinel@gmail.com).

### Endereço para correspondência

Letícia Dias Fantinel. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Departamento de Administração. Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória, ES, Brasil. CEP: 29075-910. Telefone: (+55 27) 40092200.

## Como citar esta contribuição

GUIMARÃES, R. A.; FANTINEL, L. D. "A turma aqui gosta de ganhar": representações sobre a pesca amadora embarcada no Iate Clube do Espírito Santo. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 365-419, ago. 2015.

*Contribuição Submetida em 31 jul. 2014. Aprovada em 11 nov. 2014. Publicada online em 4 ago. 2015. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.*

